

FILOSOFIA DOS SOFISTAS

Coleção **CONTRAPOSIÇÕES**

Coordenação: Marcelo P. Marques

· *Filosofia dos sofistas*, Marcelo P. Marques (org.)

· *Refutação*, VV.AA.

HEGEL; SIDGWICK; VERSÉNYI; CAPIZZI

FILOSOFIA DOS SOFISTAS

MARCELO P. MARQUES (ORG.)

Esta publicação é um tributo a seu organizador,
amigo do saber, que depois de viver intensamente,
nos deixou com saudades em 3 de agosto de 2016.



Títulos originais:

HEGEL, G. W. F. "Protagoras". In: *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie* (1833-1836). Stuttgart: Fr. Frommans Verlag, 1959, p. 28-35.

SIDGWICK, H. "The Sophists. Two papers from *The Journal of Philology* 1872 and 1873". In: *Lectures on the philosophy of Kant and other philosophical lectures and essays*. London/New York: Macmillan, 1905. Reimpressão: New York: Kraus Reprint Co., 1968, p. 323-350; 351-371.

VERSÉNYI, L. "Protagoras' Man-Measure Fragment". In: *American Journal of Philology*, Baltimore, EUA 83 (1962), p. 178-184.

CAPIZZI, A. "La confluence des sophistes à Athènes après la mort de Périclès et ses connexions avec les transformations de la société attique". In: Cassin, B. (org.). *Positions de la sophistique*. Colloque de Cérisy. Paris: Vrin, 1986, p. 166-177.

Tradução: *Verlaine de Freitas; Marcelo P. Marques; Gustavo Laet Gomes; Celso Pereira de Mello Filho*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Capa: *Raquel Ferreira Cardoso*

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Filosofia dos sofistas. – São Paulo: Paulus, 2017. – Coleção Contraposições;
2; Marcelo P. Marques (org.).

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-349-4516-5

1. Capizzi, Antonio, 1926-2003 2. Filosofia antiga 3. Filósofos 4. Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831 5. Sidgwick, Henry, 1838-1900 6. Sofistas (Filosofia grega) 7. Versényi, László, 1931-2016 I. Marques, Marcelo. II. Série.

17-00980

CDD-186

Índice para catálogo sistemático:

1. Sofistas: Filosofia grega 186



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos

lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro

Televenda: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

1ª edição, 2017

© PAULUS – 2017

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 · Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4516-5

APRESENTAÇÃO

A coleção CONTRAPOSIÇÕES publica artigos que defendem posições opostas em relação a questões filosóficas fundamentais. Em cada volume, são publicados dois ou mais textos, podendo ser originais ou traduções, que se relacionam justamente através daquilo que os opõe. A proposta se inspira no modo antilógico de pensar, típico da cultura grega antiga, tal como encontramos nos poetas trágicos, por exemplo, ou em pensadores como Protágoras de Abdera e Sócrates.

Tomamos a ideia, particularmente, do conjunto de textos anônimos antigos conhecidos como *Dissoi lôgoi* ou *Discursos duplos*, que fazem parte do *corpus* de fragmentos e textos dos Sofistas, e que foram transmitidos através dos manuscritos de Sexto Empírico (séculos II e III a.C.). Há, atualmente, um relativo consenso quanto a reconhecer que esses textos foram escritos no final do século V a.C., ou seja, num período em que a cidade antiga manifestava-se em seu pleno vigor combativo. Trata-se de contraposições (antilogias) relativas ao bem e ao mal, ao que é decente e ao que é vergonhoso, ao justo e ao injusto, à verdade e à falsidade, além de temas relativos à educação e à política. A antilogia, enquanto modalidade discursiva, transpõe para o plano argumentativo e conceitual o caráter conflitual e polêmico da cultura grega, presente na guerra, nas competições esportivas, nos concursos poéticos, nos tribunais e ainda, certamente, nos diálogos filosóficos.

A coleção inicia com traduções de artigos academicamente consagrados que tratam de problemas de filosofia antiga, mas a proposta é que, aos poucos, passemos também a incluir textos originais que tratem de qualquer época da história do pensamento e

de todas as áreas da filosofia. É importante lembrar que um mesmo tópico pode suscitar diversos textos, defendendo posições contrárias, que poderão ser incluídos na coleção em diferentes modalidades de contraposição.

Nosso objetivo é oferecer uma coleção de alto nível acadêmico, em língua portuguesa, de teor estimulante e crítico, que atraia o interesse tanto de professores como de alunos e que, enquanto alimento para o debate, sirva de material de pesquisa e formação.

Estes são os temas de alguns dos volumes em preparação, com traduções feitas por alunos e professores de Filosofia: *Filosofia como modo de vida*, *Saber discursivo x saber intuitivo*, *Imagem*, *Participação x predicação*.

Marcelo P. Marques, UFMG

INTRODUÇÃO

*Duplos discursos sobre o bem e o mal
são proferidos na Grécia por aqueles que filosofam.
Dissoi lógoi*

Este volume propõe a contraposição entre quatro textos sobre os sofistas, cada um abordando a questão sob uma perspectiva diferente: dois textos do século XIX, um do alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel e o outro do inglês Henry Sidgwick (que, na verdade, reúne dois artigos publicados em sequência); em seguida, dois textos do século XX, um do húngaro László Versényi e o outro do italiano Antonio Capizzi.

A pesquisa sobre os sofistas conheceu importante florescimento ao longo do século XX, e muito se escreveu no sentido de “reabilitar” esses pensadores gregos contra o preconceito de que foram vítimas ao longo da história da filosofia, desde Platão. Mas não há como negar que a referência decisiva para a construção do olhar contemporâneo sobre os sofistas é Hegel. Não devemos dizer que é contra a perspectiva hegeliana, mas a partir dela que se constroem as três outras leituras que apresentamos aqui: a utilitarista, a de inspiração fenomenológica e a sociológica.

Hegel (1770-1831) começou a fazer suas preleções sobre a história da filosofia em Jena, em 1805-6, e desenvolveu sua redação durante toda a vida. A primeira publicação das preleções foi feita por Karl Ludwig Michelet, em Berlim, entre 1833 e 1836. O capítulo sobre Protágoras de Abdera é de uma perspicácia notável, já apontando inequivocamente para alguns dos que seriam os parâmetros de interpretação do problema da sofística no século seguinte: a vitalidade de sua relação com a poesia, sua vigência na oralidade, a autenticidade do caráter filosófico de seus questionamentos, a tensão entre os polos subjetivo e objetivo do pro-

blema da medida do ser e do valor, os relativismos epistêmico e axiológico etc. Chama a atenção que a análise do termo “homem” na famosa sentença protagórica é o centro do interesse do autor, que, de certo modo, em sua densa interpretação, formula a síntese conceitual do que, para ele, seria o problema filosófico da sofística: a vida humana, o pensar subjetivo, qualquer ser humano, a razão autoconsciente, o sujeito em geral, o momento da consciência, a subjetividade pensante, a reflexão sobre a consciência que se torna consciente.

Menos conhecido, mas não menos importante para a história da interpretação da sofística, é Henry Sidgwick (1838-1900),¹ que foi professor de Ética, dita *Moral Philosophy*, na Universidade de Cambridge, tendo sido um dos pensadores da corrente filosófica conhecida como “utilitarismo”, na tradição de grandes filósofos ingleses, como Bentham e Stuart Mill. Traduzimos aqui dois artigos de Sidgwick sobre os sofistas, cuja perspectiva se define a partir de sua relação com o monumental texto de George Grote, *A history of Greece* (1846-1856) (em doze volumes, sendo o capítulo XLVII, do volume 8, sobre os sofistas).

Algumas obras de Sidgwick: *The Methods of Ethics* (1874), *Outlines of the History of Ethics for English Readers* (1886), *The Elements of Politics* (1891), *Practical Ethics, A Collection of Addresses and Essays* (1898). Publicações póstumas: *Lectures on the Ethics of T. H. Green, H. Spencer, and J. Martineau* (1902); *Philosophy, Its Scope and Relations* (1902); *The Development of European Polity* (1903); *Miscellaneous Essays and Addresses* (1904); *Lectures on the Philosophy of Kant and Other Philosophical Lectures and Essays* (1905); and *Henry Sidgwick, A Memoir* (1906).

Sidgwick faz um rápido estado da questão da recepção dos sofistas, seja entre os estudiosos alemães, seja entre os pesquisadores ingleses de sua época, destacando o fato de nenhum deles ter sido capaz de antecipar ou de levar em conta a contribuição de Grote. Entre os principais pontos discutidos por Sidgwick, em

1. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/sidgwick/>>.

relação aos quais ele considera que Grote claramente rompe com a tradição preconceituosa (que via nos sofistas mero imoralismo ou charlatanismo), destacamos o fato de ele recusar a suposta homogeneidade teórica ou doutrinal que unificava a dita (mas por ele negada) escola filosófica da sofística, e ainda de apontar para a “má compreensão” dos sofistas como sendo “generalizada e permanente” entre os estudiosos. Sidgwick explora de maneira textualmente bem fundamentada a ambiguidade e a fluidez no uso dos termos “filósofo” e “sofista”; nessa medida, ele segue Grote até certo ponto, mas vai além de suas análises, aprofundando tanto a discussão relativa ao uso dos termos como a análise dos contextos argumentativos de diferentes diálogos platônicos, nos quais as referências a um ou outro sofista são tão distintas quanto decisivas. O autor parte da análise da volatilidade do uso do termo *sofista* nos diálogos platônicos para inferir um uso mais amplo por parte dos cidadãos em geral e de certos pensadores em particular, seja em oposição a Sócrates/Platão, seja em afinidade com eles, sendo que seu ponto de referência central é elaborado a partir do uso contraditório dos termos por Platão, de um lado, e por Isócrates, de outro.

Escolhemos traduzir Sidgwick, e não Grote, pelo fato de o primeiro, ao avaliar o pensamento do segundo, já elaborar uma contraposição reflexiva entre perspectivas tão clássicas quanto diferentes na interpretação dos sofistas. Grote renova o que Sidgwick chama de “a maioria prestigiosa da erudição alemã”, mostrando quanto é preciso rever “evidências históricas equivocadas e probabilidades filosóficas mal concebidas”. Mesmo admitindo que Grote comete excessos, enfatizando o suposto partidarismo de Platão (considerado caricatural, em certos momentos), ele os considera justificáveis, visto sua ansiedade para fazer justiça em relação aos sofistas. Ele critica a estupidez dos intérpretes que entendem que Platão foi um relator fiel, ou, em seus próprios termos, “um repórter taquígrafo de diálogos reais”. Para Sidgwick, na linha aberta por Grote, Sócrates não visava simplesmente combater a insuficiência da atuação dos profes-

sores da “arte da conduta”; ao criticar os sofistas, Sócrates não estaria “blindando” a moralidade (dos cidadãos em geral) contra a análise destrutiva daqueles (sofistas), mas como que, simplesmente, marcando a objetividade do dever por oposição a uma suposta subjetividade absoluta.

Alguns pontos da suposta doutrina sofística inspiram Sidgwick nas suas reflexões éticas (mais ou menos utilitaristas): o valor discutível das normas tradicionais, a avaliação do indivíduo consciente quanto ao que lhe é mais conveniente fazer, a relativização das prescrições convencionais, a reflexão relativa ao prazer como valor que orienta as tomadas de decisão etc.

Segundo nosso autor, Sócrates, de algum modo, defende os sofistas da reação agressiva dos cidadãos dirigida a todos aqueles que discutiam e argumentavam sobre como avançar na arte da conduta, sendo incapazes de diferenciar ou de aproximar posições argumentativas distintas. Nesse sentido, ele retoma passagens clássicas dos diálogos para desmontar as leituras que fazem de Platão um “antissofista” tão superficial quanto radical, e para propor a necessidade de leituras mais atentas, mais justas e mais sutis das formulações platônicas postas na boca de seus personagens (seja de Sócrates, seja do Estrangeiro de Eleia). Por exemplo, ao refletir sobre e criticar algumas das interpretações genéricas do discurso de Cálicles, no diálogo *Górgias*, ele entende que Platão não diz, como uma certa tradição acredita, que Sócrates não é responsável pelos supostos danos à juventude ou pela defesa de equívocos morais ou religiosos, nem que o foram outros quaisquer dos professores de conduta (os ditos sofistas), com os quais ele era confundido. Pelo contrário, Platão quer mostrar que não se trata de atribuir os danos a nenhum suposto mestre de moral, mas que as falhas de conduta devem ser reconhecidas como próprias de cada agente, cada cidadão, que deve, nessa medida, submeter-se ao exame refletido. Contra um Cálicles, por exemplo, ele aponta não o erro dos supostos mestres de conduta (sofistas ou Sócrates), mas a atitude egoísta e sensualista que, ao desprezar qualquer tipo de reflexão, acaba por sustentar a permeabilidade

da moralidade popular à incoerência e à superficialidade, ao egoísmo e à sensualidade, à negação (supostamente prática ou pragmática) da moralidade.

Em síntese, ao defender Grote, em oposição ao fundo de interpretação que propunham os acadêmicos alemães, em geral, e Zeller, em particular, ele mostra como esses autores, de algum modo, fabricam a sofística como algo mau, constroem um espantalho inconsistente a partir de fragmentos textuais e conceituais mal articulados, equívocos sustentados por uma compreensão difusa do pensamento filosófico grego predominante na Alemanha do século XIX. Não temos elementos para acreditar que a primeira reflexão moral antiga (atribuída aos sofistas) tenha sido “egoísta e antissocial”. Ao final do segundo artigo, ele promete um terceiro, que nunca foi escrito, no qual pretendia mostrar ainda mais em detalhe quanto a interpretação equivocada dos ditos sofistas era dependente de uma má compreensão das posições de Sócrates e de Platão.

László Versényi (1928-1988)² nasceu em Baja, na Hungria, obteve seu PhD em Yale (1955), e foi professor na Faculdade Williams, em Williamstown, Massachussets, EUA, desde 1958, tendo ocupado a cátedra de Mark Hopkins desde 1983. Autor de quatro livros — *Socratic Humanism* (1963); *Heidegger, Being, and Truth* (1965 ou 1966); *Man's measure: a study of the Greek image of man, from Homer to Sophocles* (1973 ou 1974), e *Holiness and justice: an interpretation of Plato's Eutyphro* (1982) —, foi diretor do Programa de Estudos Antigos e Medievais.

Segundo relatos de seus alunos, em seus cursos, Versényi fazia sua introdução à filosofia através da leitura dos antigos, principalmente Platão, trabalhando estruturalmente a oposição e as semelhanças entre Sócrates e os sofistas, e propondo uma concepção da filosofia como um modo de vida ao qual os indivíduos aderiam pela força dos argumentos trocados. Em seu livro sobre Heidegger, Versényi remonta a Platão para elaborar

2. Fonte: <<http://eph65fiftieth.com/laszlo-g-versenyi-philosophy/>>.

o complexo percurso da filosofia ocidental até o pensador alemão, passando por Kant e Hegel. Discute, ainda, a avaliação feita por ele da herança filosófica ocidental, buscando e, segundo ele, encontrando o equilíbrio entre os polos subjetivo (humanista) e objetivo (transcendente).

O artigo que publicamos aqui se contrapõe aos outros por ser, antes de tudo, uma análise termo a termo da frase que expressa a noção do *homem medida* de Protágoras de Abdera, recortada do texto de Sexto Empírico, *Hipotiposes pirrônicas* (1, 216; DK80A14), que, por sua vez, muito provavelmente toma o *Teeteto* de Platão como referência (152A). Sua abordagem é filológica, partindo do contexto do diálogo platônico, e cruzando-o com passagens do *Protágoras* e do texto anônimo *Dissoi lógoi*. O texto retoma cada um dos três termos centrais, *ánthropos*, *khremata* e *métron*, relacionando-os e mostrando a consistência semântica da perspectiva argumentativa na qual são visados.

Sua interpretação culmina com uma avaliação que poderíamos chamar de fenomenológica, na medida precisa em que enfatiza a importância da reinserção, por parte de Protágoras, da medida das coisas no “mundo” prático e vivido no qual estamos inseridos, e não ao que elas poderiam ser em si mesmas. Por oposição aos naturalistas, que remetariam a medida para o polo objetivo do princípio do cosmo, interessa ao sofista o que as coisas são para nós, na esfera em que vivemos; interessam nossas relações, ou seja, o que é importante para nós é “nosso viver no mundo”. Mais do que os aspectos objetivos ou absolutos, interessam os termos relativos da existência das coisas e dos indivíduos que as experimentam. Ao contrapor-se ao “mundo de Parmênides”, o sofista defende que os indivíduos devem valorizar não as essências objetivas, equivocadamente postas como teóricas ou abstratas, mas as atitudes e as preocupações com as quais se envolvem cotidianamente. Ao radicalizar o relativismo já presente na poesia lírica, em Xenófanes ou em Heráclito, Protágoras se oporia ao pensamento que busca seres imutáveis e universais, retomando aquilo que é o meramente humano, ou seja, argumen-

tando em favor da “condicionada e relativa experiência humana” do aqui e agora.

Antonio Capizzi (1926-2003),³ filósofo e historiador italiano, nasceu em Gênova e viveu em Roma, foi professor associado de Filosofia na Università La Sapienza de Roma, tendo sucedido Guido Calogero na cátedra da Villa Mirafiori. Podemos dizer que seu trabalho de pesquisa tem como foco um profundo estudo histórico e filológico dos pré-socráticos, que contesta de maneira rigorosa e radical as versões tradicionais do surgimento da filosofia grega antiga, entre os séculos VI e V a.C., pondo em questão as pretensões históricas das interpretações baseadas na doxografia aristotélica. Trabalhou com o grupo de Bruno Gentili, relacionando a produção cultural e intelectual grega ao contexto da formação da cidade, à esfera pública, às transformações da estrutura social e à passagem da oralidade à escrita.

Sua obra se organiza em torno de dois eixos básicos: o histórico, através do qual critica de maneira frontal e veemente a apropriação que é feita do pensamento dos pré-socráticos, de Teofrasto a Burnet, passando por Hegel e Zeller, que operam o que ele chama de um “equivoco colossal” e uma “falsificação sistemática”; o outro eixo, teórico, se desenvolve em torno do diálogo crítico com o pensamento de Giovanni Gentile, numa tentativa de ir além da tendência de pensamento que valoriza os temas do interior e do absoluto, e apontando na direção de uma comunicação que valorize o diálogo reflexivo. Essa confrontação é formulada nos termos da oposição entre uma filosofia “cômica” e uma filosofia “trágica”, entre a estrutura unitária *a priori* da realidade e a pluralidade das culturas e dos modos de pensamento.

Entre os muitos livros publicados por Capizzi, destacamos, inicialmente, as antologias de textos antigos: *Protagora. Le testimonianze e i frammenti* (1955); *I Presocratici. Antologia di testi* (1972); *I Sofisti. Antologia di testi* (1976); *Socrate. Antologia di testi* (1977). E ainda: *La repubblica cosmica. Appunti per una storia non*

3. Fonte: <https://it.wikipedia.org/wiki/Antonio_Capizzi>.

peripatetica della nascita della filosofia in Grecia (1982); *Il tragico in filosofia* (1988); *I sofisti ad Atene. L'uscita retorica dal dilemma tragico* (1990); *Paradigma, mito, scienza. Studi sul pensiero greco* (1995); e *Platone nel suo tempo. L'infanzia della filosofia e i suoi pedagoghi* (1997).

Capizzi inicia seu texto fazendo um amplo levantamento dos usos dos termos que integram o campo semântico de *sophistés*, mostrando sua amplitude e complexidade. Em seguida, aponta as convergências entre os ditos sofistas, tanto com alguns cosmólogos como com alguns líderes políticos, indicando que há uma notável confluência de pensadores em Atenas, na segunda metade do século V a.C. Suas fontes são os historiadores e os filósofos, mas também os poetas. A comédia é tanto um “espelho que deforma” como uma fonte inequívoca que atesta a presença crescente e a atuação decisiva dos sofistas na cidade. A compreensão articulada das sucessivas reformas jurídicas e da diversificação das atividades econômicas é decisiva para acompanharmos a complexidade do jogo de forças, que aos poucos faz com que a aristocracia (oligárquica ou democrática) seja obrigada a ceder espaço político para os “novos ricos”. Tanto a cena teatral como a cena jurídica atestam, assim, quanto os novos “sábios” (intelectuais) são necessários à formação dos novos cidadãos, em áreas que mal começam a se diferenciar, como a gramática, a retórica e a dialética.

Em síntese, é a partir do texto hegeliano e de algumas de suas reverberações modernas e contemporâneas sobre a interpretação do pensamento sofístico que propomos os termos do debate, que lançamos com mais este volume de perspectivas em contraposição.

Marcelo P. Marques, UFMG